

## **Os vários Mários de Chamie**

*Amir Labaki*

O criador da Poesia Práxis e ex-secretário da Cultura de São Paulo, que morreu em julho, era um homem múltiplo. Além de poeta, crítico e ensaísta, colaborou com filme, espetáculo de dança e programa experimental de TV.

"Um pouco de amargura não resolve. Um pouco de amargura se dissolve se nesta cidade não conheces o outro, que está perto e pouco." Lembrei-me desses versos do poeta e crítico Mário Chamie (1933-2011) na noite branca e fria de seu velório, em 3 de julho.

Já muito fragilizado, Chamie me recebeu na sala de seu apartamento nos Jardins, em São Paulo, para dois encontros que totalizaram quase cinco horas de conversa, com diferença de uma semana, em seus últimos dez dias. Devo a distinção dessa longa despedida pela amizade herdada, na última década, por minha fraterna relação com sua única filha, a cineasta Lina Chamie, diretora de "A Via Láctea" (2006).

Em sua penúltima estada hospitalar, durante um doloroso mês encerrado pouco antes de nosso reencontro, Chamie encontrou forças para concluir dois novos livros. Corrigiu as provas de "Neonarrativas - Breves e Longas" (Funpec Editora) e terminou a escrita e orientou a edição de "Um Roteiro de Lavra Lavra", um guia para seu mais célebre volume de poemas, cujo cinquentenário de lançamento ele ainda brigava para celebrar pessoalmente em outubro.

Chamie explicou-me que o primeiro volume, pautado parcialmente em seus diários, era um "misto de memórias e textos ficcionais calcados em experiências reais". Ofertando-me um exemplar ainda quente da gráfica, frisou como a estrutura desenhava uma curva do pessoal ao abstrato, partindo de casos com personagens com que convivera até alcançar, já em tom ficcional, uma discussão mais genérica, "para além do radicalismo", a partir do conflito no Oriente Médio.

Mostrou-me a seguir as provas do segundo livro, que ainda bravamente corrigia entre leituras. Apresentou "Um Roteiro de Lavra Lavra" como um livro que explica a gênese da obra e contextualiza o lançamento do movimento da Poesia Práxis.

Ao lado das preocupações estéticas essenciais à escola que lançou e liderou, centrado na revalorização das relações entre as palavras e o mundo concreto, Chamie reconheceu ter sido a Práxis "um trampolim". Um gesto para garantir visibilidade, uma operação publicitária, algo como, numa analogia minha, o movimento Dogma 95 lançado por Lars von Trier e seus colegas dinamarqueses nos anos 1990.

Mesmo antes do diagnóstico, no primeiro trimestre de 2010, do câncer de pulmão que o vitimou, avançando na sétima década de vida, chegara a hora do balanço na obra de Mário Chamie. É essa a preocupação manifesta dos dois volumes que afinal se tornaram póstumos, assim como do estupendo livro que imediatamente os precedeu.

Lançado em 2009, com uma repercussão crítica muito menor do que a merecida, "Pauliceia Dilacerada" é bem definido em seu subtítulo como "Monólogo Póstumo Dialogado de Mário de Andrade". Em 17 momentos e um colofão, Chamie recria genialmente as memórias jamais escritas pelo autor de "Pauliceia Desvairada", tendo ao centro sua relação com a cidade e com colegas de ofício como Vinicius, João Cabral e Drummond.

Os inúmeros cruzamentos biográficos entre os dois Mários, que jamais se encontraram, convida a uma leitura de "Pauliceia Dilacerada" como uma espécie de autobiografia disfarçada de Chamie. Está tudo lá: os desafios poéticos, as amizades partilhadas, o amor comum pela didática, a labuta constante pela sobrevivência, a tensão com a elite quatrocentona paulistana, as passagens pela Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo (fundada pelo primeiro, dirigida pelo segundo entre 1979 e 1983).

Durante o segundo encontro, instigado por mim, Chamie revelou a angústia de não ver reconhecido o equilíbrio entre sua produção poética e a vasta obra ensaística. Admitiu especial apreço por "Intertexto: A Escrita Rapsódica - Ensaio de Leitura Produtora" (1970), com suas pioneiras aplicações nacionais de Propp e Bakhtin, para a discussão de obras de Hilário Tácito, Oswald de Andrade e, claro, Mário de Andrade.

Na bibliografia de Chamie, para além de 30 títulos, há quase tantos volumes de ensaios quanto livros de poesia. A agudeza de seu intelecto foi aplicada para muito além do campo eminentemente literário. Para falar apenas de cinema, ei-lo no calor da hora lançando luzes sobre, entre outros, "Bonnie & Clyde - Uma Rajada de Balas", de Arthur Penn, e "Terra em Transe" e "Di" de Glauber.

Tornou-se clichê a admiração pela ousadia de Vinicius de Moraes em dividir-se entre a poesia e a música popular. O que dizer então de Chamie, que colaborou, entre outros, em cinema com Maurice Capovila ("Bebel Que a Cidade Comeu"), na dança com Marilena Ansaldi ("Isso e Aquilo"), na aurora da TV Cultura com Antonio Abujamra (o experimental "Dimensão Dois", em que improvisava a partir de imagens aleatoriamente projetadas)?

Chamie era vários, suas histórias eram deliciosas e esta coluna é uma só. Cordialíssimo no contato pessoal, nunca deixou de surpreender-me o seu histórico de polemista e a contundência de alguns de seus escritos. "Vou contra o deserto de desafetos contrários", explicou-se belamente num poema. Era Chamie, Mário. Cavou, agora descansa. Tudo o que ontem disse será sempre seu legado.

Amir Labaki é diretor-fundador do É Tudo Verdade - Festival Internacional de Documentários.

E-mail: [labaki@etudoverdade.com.br](mailto:labaki@etudoverdade.com.br)

Site do festival: [www.etudoverdade.com.br](http://www.etudoverdade.com.br)

**Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 12, 13 e 14 ago. 2011, Eu & Fim de Semana, p. 3.**